

Ano III — N. 88 — Cr\$ 1,00

Rio de Janeiro, Novembro de 1951

Momento Feminino



AL
BIB



ATIVIDADES femininas



A União Feminina do bairro de Tiradentes, em Anápolis, foi em caravana a Lagoinha Formosa. O grupo que durante toda a viagem foi entoando alegres canções, assistiu à organização de uma Associação Feminina, sob a direção das sras. Isabel Ludovico Mariano, Terulana Pereira dos Santos e Joana Maria de Jesus. A União Feminina de Lagoinha começou suas atividades com um memorial ao prefeito pela instalação de uma escola primária.

Registramos, aqui, especialmente, a atividade de D. Madalena de Jesus, sra. de mais de 60 anos, a vovó Madalena, que morando no bairro de Tiradentes, há quase duas léguas de distância, foi quem saiu a pé convidando os moradores de Lagoinha e foi quem preparou tudo para o êxito da festa, durante a qual falaram diversos oradores, entre eles a vovó Madalena que declarou: «Em vez de guerra, queremos escolas e uma vida melhor para o povo».

Zilda Luporeli de Moraes conta como as mulheres da

cidade de Assis, em São Paulo, já haviam conseguido, no mês passado, 2.524 assinaturas a favor de um Pacto de Paz:

«Foram feitos comandos por 3 mulheres, de casa em casa, percorrendo os bairros. O povo é cem por cento, principalmente as mulheres, a favor da Paz, assinando o apêlo. Depende de paciência para explicar. Estivemos em muitas casas, onde as mulheres têm filhos servindo no Exército. Assinavam e diziam com lágrimas nos olhos: «Deus acompanhe vocês e que sejam felizes nessa campanha sagrada. Adquirimos uma grande experiência nos bairros que percorremos: todos são contra a guerra e contra o envio de tropas para a Coréia. Muitas mulheres nos disseram: «O americano que começou a guerra, éle que aguente lá e não venha tirar os nossos filhos. Outras diziam: «Nossos filhos são para defender o Brasil e não os americanos».



VISITA AO R. G. DO SUL — Com a missão de divulgar as resoluções do Congresso Nacional de Mulheres, no sentido de ser ampliada e consolidado o trabalho feminino, esteve no Rio Grande do Sul, representando a FMB, a Dra. Yêda Menezes, que foi festivamente recebida nas cidades de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Santa Maria.

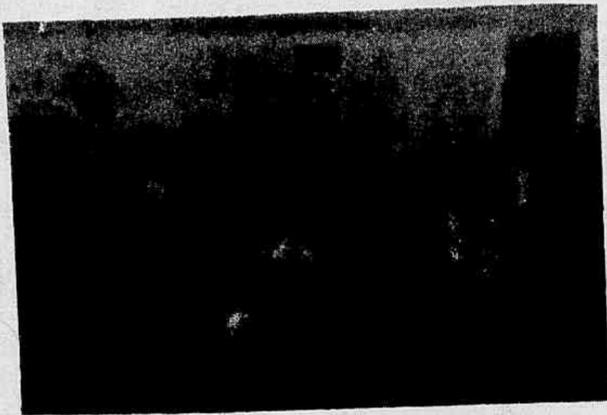
Nessas cidades, ela realizou palestras e debates, com a participação de grande número de mulheres.

O flagrante que publicamos é de um grupo de associadas da União Feminina do R.G. do Sul, entre as quais está a representante da FMR.

UMA NOVA ORGANIZAÇÃO FEMININA — Em Pirambu, uma das mais bonitas praias de Fortaleza, foi fundada uma União Feminina, que está sob a direção das Sras. Dadimar Frutuoso da Silva, presidente — Antonia Frota da Silva, vice-presidente — Otilia Pinheiro, secretária, — Altina de Melo Braga, 2.ª secretária — Maria de Lourdes Rodrigues, tesoureira. A União já começou a funcionar, com um quadro social de 20 mulheres do bairro e está desenvolvendo grande atividade em defesa da paz e contra a carestia.

PELA VOLTA DE NOSSOS MARUJOS — Dezenas de mulheres de Maceió dirigiram um abaixo-assinado ao Presidente da República, exigindo a volta dos marujos que estão nos EE.UU.

As mulheres de Campo Grande, Casa Amarela enviaram à Câmara Legislativa Estadual, memoriais em que pediam a volta de nossos marujos, ameaçados de serem embarcados para a Coréia.



Festinha realizada pela União Feminina de Marupiara (Fortaleza-Ceará)

Bibliotéca no Morro

Estão de parabens os meninos do morro da Catatumba no Distrito Federal, com a organização de uma biblioteca infantil.

Lá mesmo no morro as associadas da Frente Democrática de Copacabana conseguiram uma sala de uma família, onde está sendo instalada a biblioteca. Livros onde as crianças recebem prazer e conhecimento, povoarão as paredes da salinha, que está sendo arrumada para esse fim. Nada de comprar balinhas com figuras, de andar perambulando pelas vendas. Vão conhecer novos países, novas pessoas, todo um mundo encantado de romance e realidade.

Está sendo organizado, também, um curso de desenho infantil, para desenvolver as tendências artísticas das crianças. Daqui há algum tempo eles farão uma exposição e então nós é que vamos conhecer novas coisas — as coisas que eles fazem.

Brevemente havemos de contar com muitas bibliotecas mirins pelo Brasil afora, num bemfazejo esforço de defender e amparar as crianças de nossa terra.

COLETADORAS DA PAZ

D. Otilia Pinheiro é uma das mais destacadas coletadoras de assinaturas por um Pacto de Paz, na cidade de Fortaleza. Ela não perde oportunidade para esclarecer o povo e colher assinaturas. Assim foi que, tendo necessidade de ir ao Centro de Saúde, onde se concentra muita D. Otilia percorreu a fila e obteve, em apenas meia hora, 110 assinaturas.

«RAINHA DA PAZ»

A Associação de Mulheres de Pernambuco está desenvolvendo grande atividade na coleta de assinaturas por um Pacto de Paz. Inúmeros bairros têm sido distinguidos com prêmios, de acordo com o plano de emulação.

Foi lançada uma campanha para eleição da «Rainha da Paz», em todo o Estado e 3 bairros do Recife já apresentaram suas candidatas. A vencedora será coroada em festival, após o encerramento da campanha de assinaturas.

SOCIAIS

ANIVERSÁRIOS

26 de Julho — Manoela Oliveira Mendes, completou 15 anos de idade. É filha de nossos amigos Nerina Mendes e Ulisses Mendes, de Recife.

17 de Agosto — Ubirajara Oliveira Mendes, completou 13 anos. É também filho dos amigos acima citados.

23 de Agosto — A garota Leni completou o 1.º ani-

versário. É filhinha de nossos amigos Romilda e Antenor, de Araçatuba, São Paulo.

9 de Setembro — Ubirapuan Oliveira Mendes, completou 8 anos. É filhinho também de nossa amiga Nerina Mendes, de Recife.

24 de Setembro — Josefa Borges Cavalcante, amiga de Momento Feminino, de Araçatuba, São Paulo.

Magnífica Vitória da Paz



O IIIº Congresso Brasileiro da Paz significou o êxito dos partidários da Paz no Brasil — 2.600.000 assinaturas já coletadas — As mulheres brasileiras concorreram com 450.000 assinaturas — Os recordistas da Paz.

ENORME ENTUSIASMO DURANTE TODO O CONGRESSO

Cêrca de mil delegados, de todos os Estados de nosso país, num ambiente de indesejavel entusiasmo, debateram os pontos do temário apresentado pelo Movimento Nacional dos Partidários da Paz. Transmitiram suas experiencias no trabalho de coleta de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz, reafirmaram sua decisão de cumprir as resoluções do Congresso.

Com a adesão de ilustres personalidades e apoio de organizações diversas, contando com a presença de vereadores de diferentes correntes políticas, representantes de crenças religiosas, realizaram-se os trabalhos durante os três dias de sessões plenárias.

«CONGRESSO DE COTAS CUMPRIDAS»

O ponto alto de IIIº Congresso foi a cobertura da cota proposta de 2.600.000 assinaturas. Vários Estados superaram sua cota, como Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Alagoas e Pernambuco.

Elisa Branco, a querida heroína da Paz, disse do Congresso que foi um Congresso de «cotas cumpridas».

BICAMPEÃ NA COLETA DE ASSINATURAS

Lázara de Araújo Paiva, delegada do Estado do Paraná, conquistou o título de bicampeã. Foi a recordista nacional de assinaturas na campanha pela interdição das armas atômicas e agora, mais uma vez, coloca-se em primeiro lugar, atingido 20.616 assinaturas, até a data da instalação do Congresso.

485 MIL ASSINATURAS DA F. M. B.

A Federação de Mulheres do Brasil pôde apresentar, à Mesa do Congresso, maior número de assinaturas do que lhe cabia, até àquela data. Em vários Estados, como Goiás, Pernambuco as associadas da FMB, utilizando os meios mais di-

versos, e ricas experiências, conseguiram superar suas cotas e inclusive dobrá-las.

São estas as recordistas, sócias da FMB, em cada Estado:

1 — Lázara de Araújo Paiva	— Paraná	20.616
2 — Nautília Rosa da Silva	— Pernambuco	18.000
3 — Maria Brandão	— Bahia	10.700
4 — Erminia Loureiro	— D. Federal	9.314
5 — Lola Pilares	— São Paulo	8.809
6 — Isabel Rocha	— D. Federal	7.315
7 — Trindade Gonçalves	— São Paulo	5.192
8 — Maria Felipe	— São Paulo	4.500
9 — Maria Corazza	— São Paulo	4.000
10 — Fraternidade Lopes	— São Paulo	3.871

160 MULHERES DELEGADAS

Mães de família, donas de casa, operárias, mulheres do campo, médicos e professoras, foi grande a participação das mulheres nesse magnifico Congresso da Paz.

Vieram de 13 Estados, desde o Ceará até o Rio Grande do Sul, trazendo suas experiências, sua vontade de conquistar a Paz para seus filhos, sua disposição de lutar por dias melhores para nossa Pátria.

CONGRESSO CONTINENTAL DA PAZ

Na primeira quinzena de dezembro, será realizado no Rio de Janeiro, o Congresso Continental dos Partidários da Paz.

Convocado por figuras altamente representativas de nosso Continente será êle uma afirmação vigorosa do desejo de paz dos povos das Américas — aspiração comum dos povos do mundo inteiro.

As mulheres brasileiras já se preparam, entusiasticamente, para participar dessa grande festa dos povos das Américas.



Algumas das delegações femininas presentes ao Congresso, vendo-se Elisa Branco, entre delegadas de Pernambuco e algumas das recordistas: Lázara Paiva, Maria Brandão e Nautília Rosa.



Negrinha

conto de Monteiro Lobato
ilustração de Lêda.

Negrinha era uma pobre orfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma — «dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral», dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viuva sem filhos, não a calejava o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e fastava-se com ela para os fundos do quintal torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquêle choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, dêsse que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Orfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou por omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, ein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer croché, e as horas se lhe iam a espichar as trancinhas sem fim.

Que idéia fazia de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisco, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi «bubônica». A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem êsse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de ~~simas~~ cicatrizes, vergões. Batiam nele os de casa, todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cócres e beliscões a mesma atração que o ~~imam~~ para o aço. Mão em cujos nós os dedos comichassem um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! «Qualquer coisinha»: uma mucama assada ao forno porque

se engraçou dela o senhor; uma novena de relho (1) porque disse: «Como é ruim a sinhá!»...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo.

Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miuda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no côco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despregar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com aponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: a roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: pra «doer fino» nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem? Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— «Peste»? Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! disse — e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesma pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora exclamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água «pulando» o ovo e «zás!» na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah! monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre orfã, filha da Sesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora. murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

... é o que vale...

... abro vieram passar as férias com «Santa» Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o ráio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Que? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negri-

LIBERTEMOS MARINETE E JEAN

Maria Afonso Lins, a querida e popular Marinete, conhecida de norte a sul do país, por suas alegres canções, sua voz doce, seu riso alegre e brejeiro, acaba de ser condenada a 4 ANOS E 6 MESES DE PRISÃO!

Que fez Marinete? Cometeu algum crime horrendo?

NÃO! Marinete, juntamente com sua amiga Jean Sarkis, levada pelo seu coração de mãe de um jovem de 15 anos, já ameaçado de prestar serviço militar, não pode ficar indiferente ante a sorte de dois mil jovens marujos brasileiros, há meses nos Estados Unidos, destinados a partir ninguém sabe para onde.

Que fez ela, então? Saiu para a rua e fez sentir, publicamente sua revolta contra esse perigo que ameaça os jovens marujos: serem embarcados para morrer na Coréia, numa guerra injusta ou para qualquer outra parte, fora de sua pátria, o Brasil.

Foi agarrada, violentamente, junto com Jean, por um grupo enorme de policiais, quando pregava numa árvore um pequeno cartaz que dizia: QUE VOLTEM NOSSOS MARUJOS! e levada para o carcere.

Agora, no dia em que se encerrava, em meio ao maior entusiasmo, ante a presença de 3 mil pessoas, o IIIº Congresso Brasileiro da Paz, o juiz da 7ª Vara, Emilio Pimentel, decreta uma sentença de 4 ANOS E SEIS MESES para essas duas valorosas partidárias da paz.

As mulheres brasileiras não podem permitir que Marinete e Jean continuem presas. E' preciso libertá-las. Como? Formulando o seu protesto contra essa condenação absurda — indo em comissões aos jornais e estações de rádio, enviando cartas e telegramas ao juiz que a condenou — preparando uma grande campanha pela sua libertação, apelando pra os juizes do Supremo Tribunal Federal, que deverão julgar o recurso em seu favor.

MARINETE E JEAN DEVEM VOLTAR PARA SUAS FAMILIAS, PARA OS BRAÇOS DE SEUS ENTES QUERIDOS!



Maria Afonso Lins

RESOLUÇÕES DO III CONGRESSO BRASILEIRO DA PAZ

Na impossibilidade de publicar na íntegra as importantes resoluções do IIIº Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, por absoluta falta de espaço, damos às nossas leitoras, um resumo das mais importantes dessas resoluções:

1 — Que sejam cobertas, dentro dos prazos estabelecidos, as cotas da campanha nacional de 5 milhões de assinaturas por um Pacto de Paz entre a Inglaterra, Estados Unidos, União Soviética, China Popular e França.

2 — pela solução pacífica da guerra na Coréia e pela retirada das tropas estrangeiras desse país.

3 — contra a propaganda de guerra.

4 — contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia ou outra qualquer parte, fora do território nacional.

5 — Criar um «Fundo de Paz», a fim de garantir meios financeiros para realizar uma ampla difusão da campanha da Paz.

6 — intensificar a organização dos Conselhos da Paz nas cidades e nos campos.

7 — condenar veementemente tôdas as arbitrariedades cometidas contra os partidários da paz e exigir a imediata libertação de Maria Afonso Lins e Jean Sarkis.

8 — propugnar pelo reforçamento do Conselho Mundial da Paz.

9 — condenar todas as armas atômicas e de extermínio em massa.



Elisa Branco é recebida entre flores por milhares de pessoas, que aguardam, durante horas, sua saída da prisão. Sua filha Horieta dá-lhe um beijo carinhoso. A libertação de Elisa constitui uma grande vitória dos partidários da Paz no Brasil e das forças da Paz no mundo inteiro

Vidas Sêcas

Romance de Graciliano Ramos

CAPITULO II



Fabiano curou no rastro a bicheira da novilha raposa. Levava no aiol um frasco de criolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dêle na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto voltaria para o curral, que a oração era forte.

Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranquila e marchou para casa. Chegou-se à beira do rio. A areia fofa cançava-o, mas ali, na lama seca, as alpercatas dêle faziam chapchap, os badalos dos chocalhos que lhe pesavam no ombro, pendurados em correias, batiam surdos. A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro; o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário.

Chapchap. Os três pares de alpercatas batiam na lama rachada, sêca e branca por cima, preta e mole por baixo. A lama da beira do rio, calcada pelas alpercatas, balançava.

A cachorra Baleia corria na frente, o focinho arregaçado, procurando na caatinga a novilha raposa.

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Cairá no fim do pátio, debaixo dum joazeiro, depois tomára conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarilha escura, pareciam ratos — e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgravatou as unhas sujas. Tirou do aiol um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E', pensando bem, êle não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em tórno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

— Você é um bicho, Fabiano.

Isto para êle era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha — e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

— Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoadá. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsára. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O geito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou os quipás, os mandacarus e os chiquechiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraunãs. Êle, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados na terra.

Chapchap. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela sêca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hospede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, aos joazeiro que os tinha abrigado uma noite.

Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lambe-lhes as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se:

— Você é um bicho, Baleia.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a êle. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma linguagem com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando munto curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o, vexado:

Esses capetas têm ideias...

Não completou o pensamento, mas achou que aquilo estava errado. Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço de campo, interrogando-o debalde. Chamou os filhos, falou de coisas imediatas, procurou interessá-los. Bateu palmas:

— ECÔ! ecô!

A cachorra Baleia saiu correndo entre os alaistrados e quipás, farejando a novilha raposa. Depois de alguns minutos voltou desanimada, triste, o rabo murcho. Fabiano consolou-a afagou-a. Queria apenas dar um ensinamento aos meninos. Era bom eles saberem que deviam proceder assim.

Alargou o passo, deixou a lama sêca da beira do rio, chegou à ladeira que levava ao pátio. Ia inquieto, uma sombra no olho azulado. Era como se na sua vida houvesse aparecido um buraco. Necesitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação, encher os cestos, dar pedaços de mandacará ao gado. Felizmente a novilha estava curada com reza. Se morresse, não seria por culpa dele.

ECÔ! ecô!

Baleia voou de novo entre as macambiras, inutilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se e o espirito de Fabiano se destoldou. Aquilo é que estava certo. Baleia não podia achar a novilha num baico de macambira, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercicio facil — bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal. A cachorra tornou a voltar, a lingua pendurada, arquejando. Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito com

(Continúa na página 10)

Abandonadas as Crianças Brasileiras

A SEMANA DA CRIANÇA E A DEMAGOGIA DOS PODERES PÚBLICOS — A VERDADEIRA SITUAÇÃO DA NOSSA CRIANÇA — NO MUNDO E A PRIMEIRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE DEFESA DA INFÂNCIA

A «Semana da Criança», de 10 a 17 de outubro, transcorreu este ano, como de costume: muita demagogia, artigos nos jornais, festas, exposições, conselhos dos órgãos especializados, como os do Departamento Nacional da Criança que, sob o tema «A formação da hábitos sadios na Infância», dá aos pais essa tarefa e responsabilidade afirmando que sua importância «não pode ser subestimada quando considerarmos que todos os hábitos físicos e mentais do indivíduo são formados nos primeiros anos de vida».

No entanto, se a formulação acima é teoricamente justa, na prática não pode ser adaptada à criança brasileira em virtude do atraso em que vegeta a grande maioria da nossa população.

A VERDADEIRA SITUAÇÃO DA NOSSA INFÂNCIA

De fato, como exigirmos dos pais essa tarefa da formação de hábitos sadios na infância, quando é sabido que no campo vive quase a metade da população do Brasil, no mais pernicioso estado de miséria? A verminose, a malária, a vida em barracões sem higiene, expostos aos azares do tempo, trabalhando para o dono da terra que mal lhes paga para o sustento da família (um pouco de farinha, milho e rapadura), assim vive o nosso camponês e assim procria gerações após gerações esses pequeninos seres que, em sua esmagadora maioria, não chega ao primeiro ano de vida.

Na cidade, a situação é semelhante: nos suburbios ou nas favelas, sucedem-se os barracos sem luz, sem esgoto, sem água sequer para a comida. As crianças vivem em promiscuidade, semi-nuas, sem escolas. O ordenado de um chefe de família mal dá para o pagamento de uma habitação modesta. Não dá para pagar o colégio e as crianças ficam sem escola

Você sabia?

Que no D. F. há apenas 38 creches com 777 leitos sendo 25 com consultório pré-natal e 9 com consultório infantil.

Que há somente 9 hospitais mixtos com 1.385 leitos?

Que em 1948 nasceram vivos 47.639 crianças e morreram 32.169?

Que 300.000 crianças morrem anualmente antes de completarem 1 ano de idade?

Que 250.000 crianças estão completamente abandonadas?

Que fez você contra isso? Pense um pouco e dê o seu auxílio para a organização e o êxito da Conferência Internacional de Defesa da Infância?

porque nas escolas públicas não há vaga. (Em todo o Brasil há 350.000 crianças sem possibilidades de frequentarem a escola).

A CONFERENCIA INTERNACIONAL DE DEFESA DA INFÂNCIA

Esta situação calamitosa não atinge apenas a criança brasileira. Todos conhecem a situação da infância nos países coloniais e dependentes. O drama inenarrável vivido pelas crianças durante a guerra. A mortalidade na Índia, na Ásia, e na América. E é a própria O.N.U. que reconhece esse estado de coisas ao criar o FISI (Fundo Internacional de Socorro à Infância), que deveria ser um verdadeiro organismo de socorro à infância, mas que não cumpre essas finalidades, visto como as somas que lhe são destinadas representam as sobras das verbas atribuídas a fins de guerra.

AS MULHERES DEFENDERÃO A INFÂNCIA

E' por sabermos disso que as mulheres do mundo estão se congregando para realizarem em janeiro do ano próximo, em Viena, a Primeira Conferência Internacional de Defesa da Infância, onde, unidas aos maiores técnicos mundiais do mundo, assentarão as bases de uma campanha poderosa de proteção à criança.

No Brasil, a Federação de Mulheres do Brasil já iniciou o trabalho que deverá chegar a todos os recantos de nossa pátria. Cabe, pois, às mulheres brasileiras o dever de tudo fazerem para o êxito da Primeira Conferência Internacional de Defesa da Infância, dando-lhe todo o seu apóio, ao lado de um trabalho persistente de esclarecimento de nosso povo sobre as finalidades da aludida Conferência.

Você sabia?

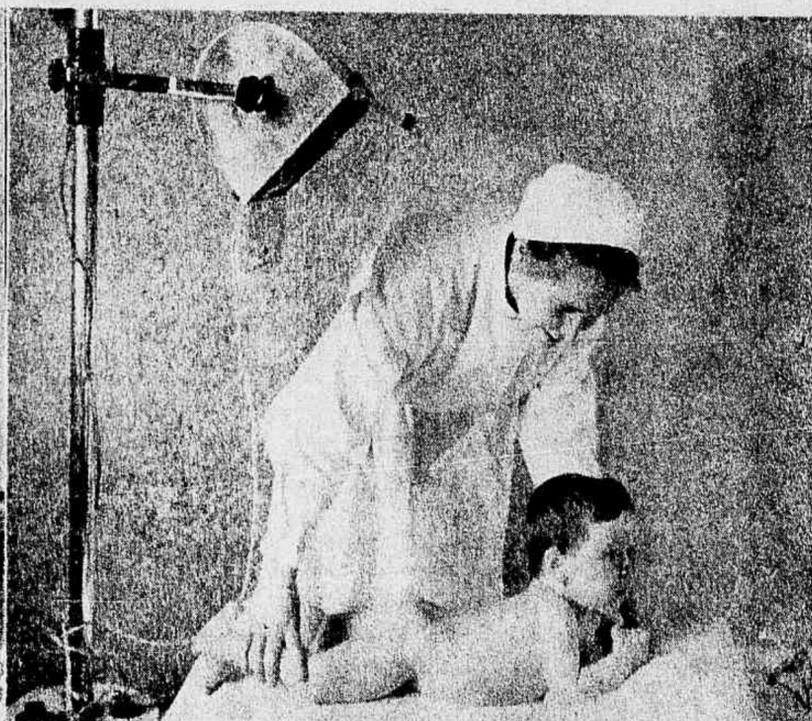
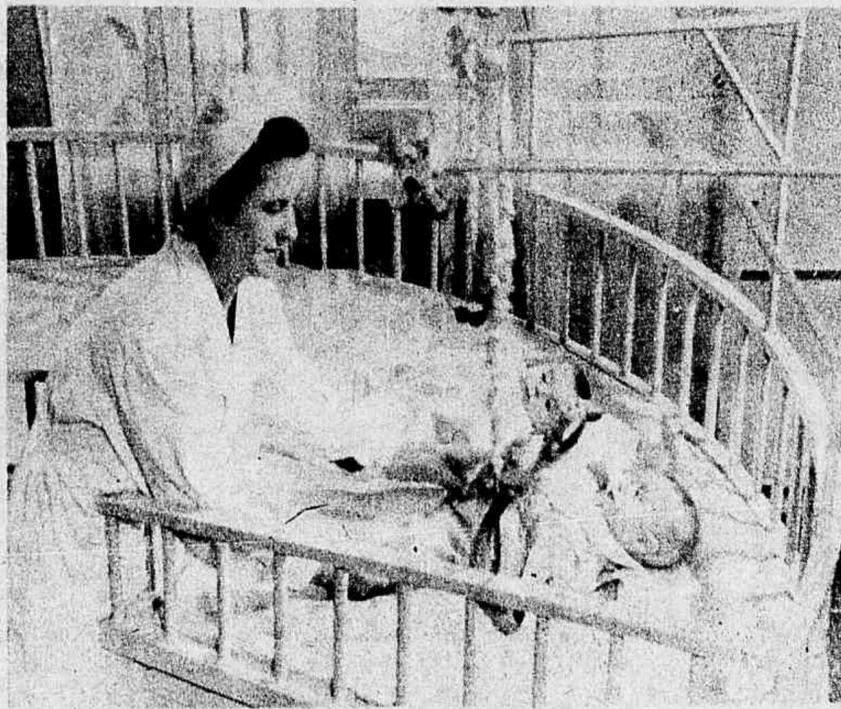
Que a verba do M.E.S. é de Cr\$ 2.447.572.280,00 e que a do Ministerio da Guerra é de Cr\$ 6.309.281.689,00 sem contar com os 50 milhões de cruzeiros oferecidos para auxiliar a guerra da Coréia?

E que com essa quantia o Brasil construiria:

10 escolas.

5 ginásios.

32 escolas rurais.

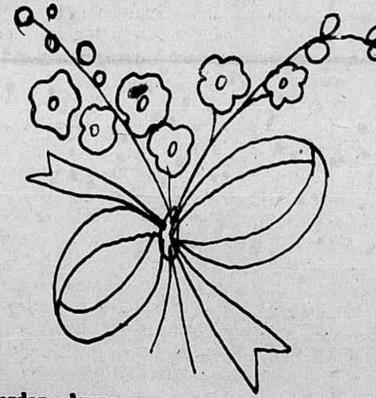
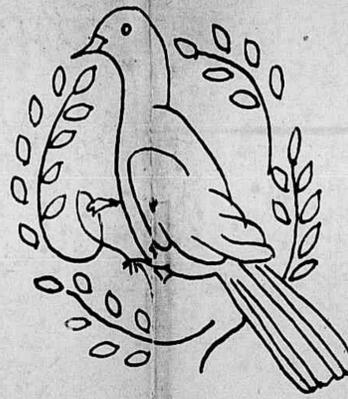


Enquanto aqui no Brasil as crianças vivem abandonadas, na União Soviética, país do socialismo, elas merecem todo o carinho do Estado. Ai estão dois flagrantes tomados em clínicas infantis, onde as crianças são assistidas frequentemente com todos os benefícios da técnica moderna. Assim se evitam as moléstias e se garante a vida e a saúde dos pequeninos

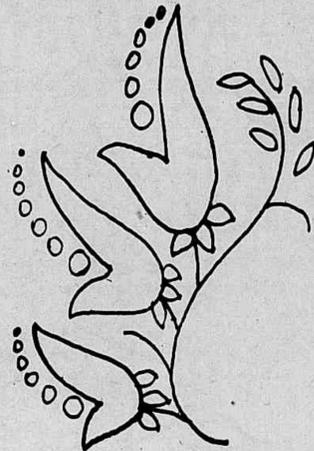


- 1) Camisola de opala estampadinha, com 3 carreiras de franzido na cintura e largo babado na gola.
- 2) Combinação de lingerie, com aplicações de renda no busto e cintura marcada com ponto branco.
- 3) Camisola enfeitada com renda, busto franzido e babado na barra.

Em baixo: jogo de lingerie com fina renda e aplicações.



Ai estão, para você que gosta de bordar, alguns motivos encantadores. Pode aproveitá-los em suas combinações e camisolas e na roupa de sua filhinha. A pomba da Paz com o raminho de oliveira, pode ser usada em lenços, gravatas, bolsos, golas, etc.

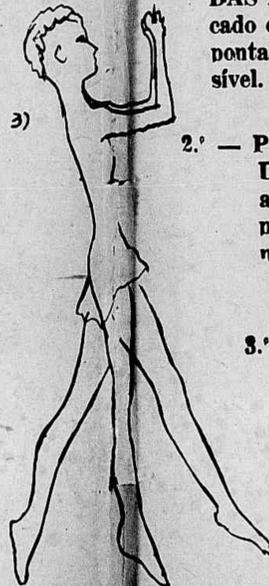
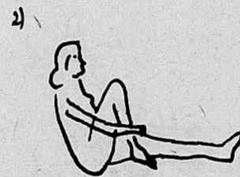


PROBLEMAS DE BELEZA COMO CORRIGIR A PLÁSTICA

A ginástica ajuda a corrigir as linhas de seu corpo. Sua função principal é estimular e enriquecer os músculos.

Aliados às massagens e a um inteligente regime alimentar, os exercícios eliminam os excessos de gordura que tanto enfeiam as formas femininas.

Eis aqui alguns exercícios que, praticados regularmente, reduzem a gordura nos pontos críticos:



1. — **PARA FORTALECER OS MUSCULOS DAS PERNAS.** De pé, corpo bem esticado e mãos nos quadrís. Elevar-se na ponta dos pés e abaixar-se o mais possível. 10 vezes.

2. — **PARA OS JOELHOS.** Sente-se no chão. Dobre uma das pernas e agarre-a entre as mãos. Estique e encolha a perna presa, durante 10 vezes, num movimento de massagem.

3. — **PARA AS PERNAS E O ABDOMEM.** Estenda-se sobre uma cadeira, com o abdômem sobre o assento, deixando os braços e as pernas sem apoio, mas no mesmo nível do corpo. Procure levantar as pernas o mais alto possível, uma de cada vez. Vagarosamente, volte à posição inicial. 10 vezes.



(1) Vestido de tecido quadriculado-gola e peitilho de fustão branco. Tipo avental, com bolsos e babado enfeitado de sianinha branca. Faixa atrás, dando laço.

(2) Vestido de opala ou linon, cor viva, tendo a frente, as costas e os bolsos em laise branca. Debrun no pescoço, dando um lacinho.

(3) Vestido branco de seda fina, com lindo babadinho plissado nos punhos, na gola, peitilho e bolsos.

(4) Vestido quadriculado com babado na saia e na blusa, arrematado com sianinha.

VIDAS SECAS

(Continuação da pag. 6)

a lição, pensando na egua que ia montar, uma egua que não fôra ferrada nem levara sela. Haveria na caatinga um barulho medonho.

Agora queria entender-se com sinhá Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.

Está aí.

Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais e nunca ficaria satisfeito.

Lembrou-se de seu Tomaz da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomaz da bolandeira. Por que? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: «Seu Tomaz, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomaz se estrepa, igualzinho aos outros. Pois viera a seca, e o pobre velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar um verão puxado.

Certamente aquela sabedoria inspirava respeito. Quando seu Tomaz da bolandeira passava, amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se. E seu Tomaz respondia na beira do chapéu de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos.

Em horas de malqueira Fabiano desejava imita-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convenciam-se de que melhorava. Tólice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nescido para falar certo.

Seu Tomaz da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Exquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro crú, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituisse.

Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomaz da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não con-

trariá-la, mas sabia era doidice. Cambembes podiam ter luxo? Estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo dum pau.

Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que êle se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo — anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a lareira, espalhando seixos com as alpercatas — ela se avizinhandando a galope, com vontade de matá-lo.

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomaz da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com fôrça para brigar com ela e vendê-la. Não queria morrer. Estava escondido no matão como tatú. Duro, lerdão, como tatú. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

— Um homem, Fabiano.

Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rez na fazenda alheia.

Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias, sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. Viveria anos, viveria um século. Mas se morresse de fome, ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos.

Tudo sêco em redor. E o patrão era sêco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, concertar cêrcas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calessem, teriam o fim de seu Tomaz da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morreria por causa do estômago doente e das pernas fracas.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomaz da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles.

Alcançou o pátio, enxergou a vasa baixa e escura de telhas pretas, deixou atrás os joazeiros, as pedras onde se jogavam cobras mortas, o carro de bois. As alpercatas dos pequenos batiam no chão branco e liso. A cachorra Baleia trotava arquejando, a boca aberta.

Aquela hora sinhá Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas preparando a janta. Fabiano sentiu vontade de comer. Depois da comida, falaria com sinhá Vitória a respeito da educação dos meninos.

NOSSA HOMENAGEM



A sra. Eugénie Cotton, presidente da Federação Democrática Internacional de Mulheres, compleou 70 anos no dia 13 de Outubro, data que representa para as mulheres de todo o mundo um motivo de orgulho e de alegria, pois Mme. Eugénie Cotton é um símbolo de luta, de coragem e de abnegação.

Nesses setenta anos de vida fecunda e laboriosa, dos bancos de colegial à cátedra, da intimidade do lar aos gabinetes de Pesquisas Científicas, sua vida projeta-se como um exemplo para todas as mulheres.

Compreendendo, quando da ocupação da França pelos exércitos nazistas, que o trabalho do sábio só se desenvolve

harmoniosamente num ambiente de Paz, compreendendo que a guerra, em sua fúria destruidora, não respeita sequer os grandes valores da ciência, vendo seu lar devassado pela Gestapo e seu marido, o cientista Aimé Cotton, prêso e incomunicável durante o terror nazista, a sra. Eugénie Cotton, sem abandonar os seus múltiplos afazeres de mãe, de professora e de cientista, não hesitou em dedicar-se ao trabalho em defesa da Paz.

Eleita Presidente da União de Mulheres Francesas, em seguida Presidente da Federação Democrática Internacional de Mulheres, sua vida tem sido toda devotada à causa que abraçou, não esmorecendo sequer, quando processada por um tribunal militar de sua Pátria, tomou sobre si a responsabilidade de um cartaz conclamando os jovens franceses a não fazerem a guerra aos seus irmãos do Viet-Nam. Por ocasião do processo, sua atitude enérgica e serena provocou um movimento de solidariedade internacional de profunda repercussão na França.

Recentemente, foi agraciada com um dos 7 prêmios Stalin pela consolidação da Paz entre os povos, a mais alta homenagem prestada aos lutadores da Paz.

As mulheres brasileiras, por intermédio de MOVIMENTO FEMININO, enviam à Mme. Cotton sua mais profunda expressão de carinho, fazendo votos para que sua vida tão útil seja ainda bem longa a fim de que seu exemplo frutifique todos os dias, em todos os lares onde as mulheres temem pela sorte de seus filhos.

UM TREM SOB MEDIDA



Na União Soviética, na cidade de Rostov sôbre o Don, funciona a Pequena Ferrovia Infantil do norte do Cáucaso.

Inaugurada na primavera de 1940, essa pequenina estrada de ferro, exclusivamente para crianças e dirigida por crianças tem uma dupla finalidade: recreativa e educativa.

Durante a guerra, os fascistas alemães puseram fogo no pequeno trem, mas êle já foi reconstruído e possui agora 4 quilômetros de trilhos, novas estações, um depósito de locomotivas, uma linha eletrotécnica e uma oficina.

Nos últimos anos, viajaram na estrada mais de 100 mil passageiros. São as próprias crianças que dirigem a locomotiva, são os guarda-linhas, os mecânicos, os controladores técnicos, os chefes de estação, os maquinistas e condutores. São escolares de Rostov.

Youri Kopit, de 15 anos, é o maquinista — é aluno do 8º ano. Recentemente, apresentou uma proposta interessante a respeito da construção da locomotiva. Ela foi aprovada e êle recebeu um diploma de inventor.

A realização dessa estrada de ferro «sob medida» é única no mundo, e é bem um exemplo do interêsse do govêrno soviético em desenvolver plenamente as faculdades de suas crianças, seu gênio inventivo e proporcionar-lhes uma vida de prazer e felicidade.



Onde está o vagão reservado para mães com filhos?, pergunta a garotinha.

O cachorrinho Tusik pode viajar também, acompanhado de sua dona.

Não fiques triste, voltarei logo, diz a menina à sua amiguinha



EXPEDIENTE

Diretora
Arcelina Mochel

Redação e Administração:
Rua Evaristo da Veiga 16 sala 808 —

— RIO —

CHARADAS

VAMOS VER QUEM ACERTA!

- 1 — O pronome é nobre e vive no mar. 1-2.
- 2 — Duas vezes aqui no jogo de baralho. 1-2.
- 3 — Minha parenta é a mulher da estação. 2-2.
- 4 — No lar e no rosto encontrarás o matrimônio. 2-2.
- 5 — Não é boa na ponta do braço a fruta. 1-2.



Caíbe Gilberto, Dastre e Barú, filhinhas de nossos colegas D. Estelita e M. Alberto Alves de Santo Ale.



Manuel Rufino Neto e Quitéria Maria, filhinhos de amigos nossos de Fortaleza, Ceará.



Mãlhas e Saladas

VIRGINIA

1) — MÔLHO PARA ENFEITAR

Este mólho serve para jogar por cima de galinha, fatias de carne, xuxú e cenouras cozidas.

Leve uma panela ao fogo com 2 colheres de manteiga, alguns tomates partidos, sal, 1 colher de farinha de trigo ou maizena, e uma xícara de leite; um pouco de água umas rodela de cebola. Misture tudo bem, dissolva a farinha de trigo com água fria para não embolar. Leve ao fogo mexendo sempre, deixe engrossar; depois, querendo, pode juntar um pouquinho de vinho do Pôrto ou Madeira. Retire do fogo e então junte um pires de queijo parmesão ralado; sirva quente.

2 — MÔLHO PARA MACARRONADA OU RAVIOLE

Leve ao fogo gordura para derreter, juntando uns 4 tomates, carne picadinha (ou um peitinho de galinha), rodela de linguiça, alho, rodela de cebola, tempêros verdes, uma colher de sopa de vinagre. Deixe refogar muito bem; quando a carne já estiver cozida e a linguiça amolecida, deite uma xícara de água, uma colherinha de massa de tomate e um pouco de queijo parmesão ralado. Deixe ferver até ficar grosso, retire do fogo e pode servir.

3 — MÔLHO DE MAIONESE

Conforme fôr a quantidade da salada, tome 4 ovos, sendo 3 gemas cruas e a outra cozida. Bata bem as gemas cruas depois vá pingando azeite doce, continuando sempre a mexer até obter um creme espesso. Junte algumas gotas de limão, mexa novamente, junte uma pitadinha de sal, mais azeite, e por último a gema cozida bem amassada. Misture e deixe ficar por algum tempo antes de servir.

O mólho de maionese, só fica bom quando feito com azeite doce de Oliveira; com óleos de algodão ao amendoim não é aconselhável fazê-lo.

VOCÊ PODE OBTER UM MÔLHO COR-DE-ROSA OU VERDE

Faça o mólho de maionese comum, depois tome uma beterraba e deite a cozinhar. Depois de cozida, tire a casca, corte um pedacinho e esprema. Misture com um pouquinho de azeite e junte à maionese.

O mólho verde, do mesmo modo, mas neste caso use o espinafre, limpe e leve a cozinhar as folhas, depois pique e esprema o suco num pano e misture na maionese.

4) — SALADA DE VERDURAS CRUAS OU COZIDAS

O tempêro é simples: uma colher de sopa de vinagre ou caldo de limão, azeite doce, sal, salsa picadinha e pedacinhos de azeitonas, misture muito bem antes de servir.

As saladas de verduras cruas mais comuns são: alface,

xicórea, pepino, tomates maduros e salada de agrião. É necessário muito cuidado nas saladas cruas, as verduras devem ser muito bem lavadas e depois deixe ficar de mólho em água filtrada por algum tempo.

Para maior beleza das saladas elas devem ser sempre enfeitadas com rodela de ovos cozidos, tomates vermelhos e azeitonas.

Nas saladas de legumes e verduras cozidas, emprega-se o mesmo mólho, podendo juntar um pouquinho de pimenta do reino e pedacinhos de pimentão. Fica muito gostosa a salada quando se mistura com os legumes uma maçã, ou pedaços de bacate não muito maduro.

ALGUNS CONSELHOS

PARA A DONA DE CASA

As flôres em sua casa durarão mais se você, ao colocá-las na jarra, retirar tôdas as folhas que ficam em baixo de água. As folhas imersas poluem a água e as flores morrem mais depressa.

Como utilizar a banha que já tenha servido para fritar peixe? — Basta que lhe juntemos um pouco de sumo de limão.

Você comprou alguns sacos vazios de farinha e quer tirar as letras que trazem geralmente? — Então, basta que você os ferva, durante algum tempo, numa mistura de água de sabão e cinza, em partes iguais.

A sua garrafa térmica está com mau cheiro? — Então, amiga, você deve guardá-la sempre destampada, sem o copo e sem a rôlha, porque assim evita o mofo.

DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

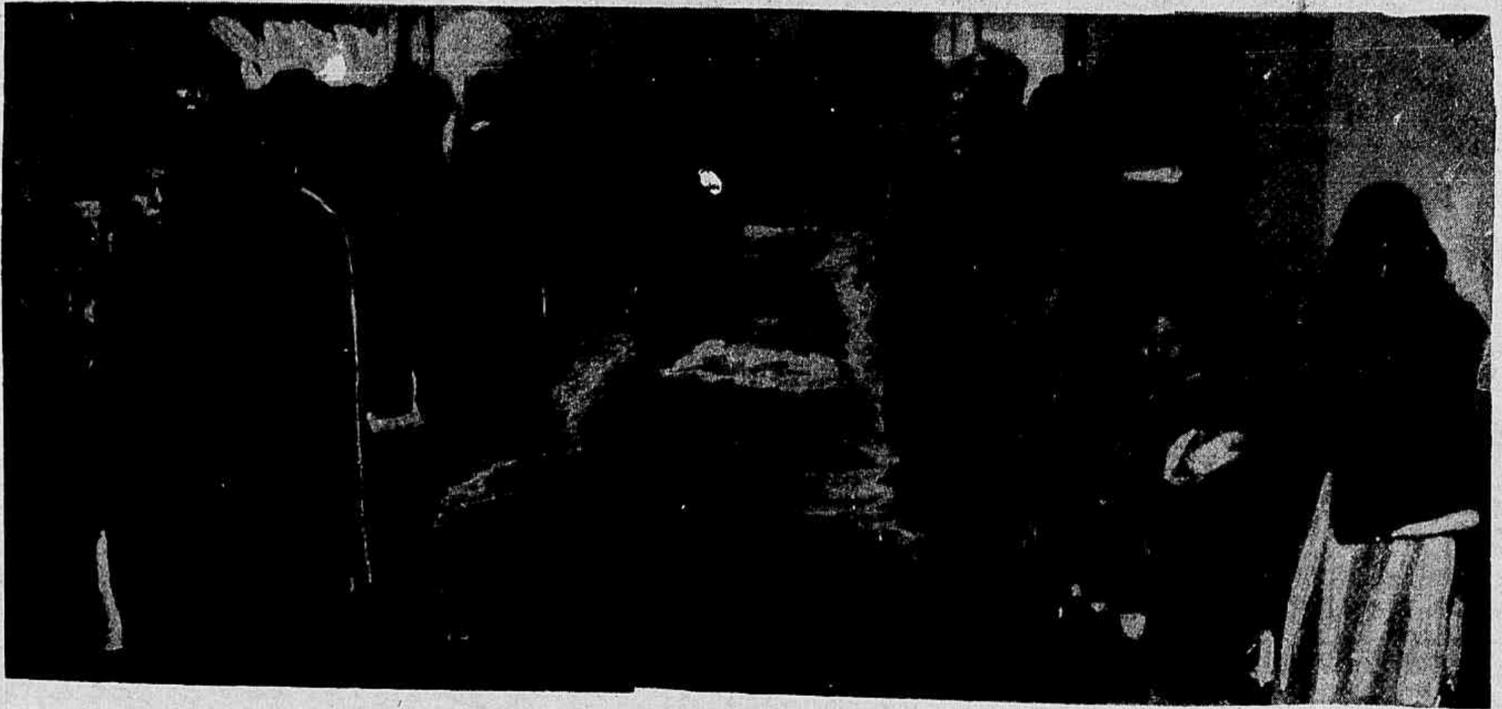
DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

Psicoterapia e Análise

Professor de Clínicas Psiquiátrica

RUA SANTA LUZIA, 732, S/ 718, 7.º ANDAR

Diariamente



Aí está uma das enormes filas que se estendem diante das casas, em busca de um pouco de pão

O Povo Iraniano Luta Pela Soberania Nacional

A luta do povo iraniano em defesa de seu petróleo e da soberania nacional, chamou a atenção de todo o mundo para o drama que se desenrola naquele país.

«Momento Feminino» apresenta às suas leitoras algumas informações sobre a situação da infância e a luta das mulheres, colhidas na série de reportagens publicadas pelo jornal feminino italiano «Noi Donne», de autoria de sua diretora, Maria Antonietta Macciocchi, enviada especial à Pérsia.

AS OPERARIAS TEXTEIS

As operarias da indústria têxtil são conhecidas em toda a Pérsia por sua coragem. A fábrica foi visitada pela repórter foi ocupada 3 vezes pela polícia, tendo sido assassinadas dez operarias; muitas outras foram presas e feridas.

A operaria ganha apenas 25 rials por dia (cerca de Cr\$ 20,00 por dez horas de trabalho, em velhíssimos teares de linho; trabalham com os pés, enquanto as mãos tecem rapidamente, os fios que pendem.

Uma operaria teve o braço arrancado pela máquina, após dez anos de trabalho. Uma outra diz: «Somos tratadas como animais, sem nenhum direito. Meus dois filhos morreram. Restam-me seis filhos. Onde estão? No meio da poeira, que forma uma crosta em sua pele e não há água para lava-los. Só a luta mudará nossa vida, só a luta pode salvar-nos».

Outra operaria fala também: «Meu marido é tuberculoso. Estou só com quatro filhos. Mantenho meus filhos à custa de promessas, o pão, os sapatos, os livros, os vestidos. À noite, antes que adormeçam, sento-me a seu lado e lhes conto e descrevo todas as coisas belas que desejam e não podem ter. Assim adormecem e sonham com isso».

AS CRIANÇAS SÃO AS MAIS EXPLORADAS

A mortalidade infantil, em muitas localidades da Pérsia, no primeiro ano de vida atinge 75%: de cada cem crianças que nascem, morrem 75.

Numa grande fábrica de tapetes, em Teherã, as crianças trabalham quase no escuro, porque a luz forte estraga as tintas. Têm de 4 a 10 anos e trabalham de 13, ou 14 horas por dia, para poder levar para casa de 4 a 7 rials, quanto vale meio quilo de pão.

As crianças cantam na fábrica, com voz débil e triste, enquanto tecem os fios.

Na indústria de tapetes de Teherã, de Mached, de Kerman, 60% dos operários é constituído de crianças, muitos dos quais não ganha nada, porque o patrão os considera aprendizes. Ganham apenas um pedaço de pão.

Muitos deles, em pouco tempo, devido ao pó que respiram e à subnutrição, começam a tossir e cuspir sangue. Muitos morrem.

Sete por cento das crianças persas vai à escola com apenas um pedaço de pão molhado água. Em algumas escolas do campo os professores mandam sair as crianças para «pas-

tar» a erva do campo, para que não morram de fome.

A REEDUCAÇÃO DA PRINCESA ASHRAF

A princesa Ashraf, irmã do Xá da Pérsia, uma mulher ambiciosa e dissoluta, resolveu «reeducar» as crianças pobres e abandonadas e extinguir a mendicância no país. Então, fez prender os mendigos e adota como método de «reeducação» o seguinte: amarra a mulher pelos calcanhares a um bastão e espanca-lhe a sola dos pés, até jorrar sangue. Muitas vezes, os filhos da mendiga são obrigados a assistir ao suplício da mãe.

Na Casa de Reeducação criada pela princesa Ashraf vêem-se filas de crianças desfilando pelas ruas, cabeça raspada, olhos cheios de ódio e desespero.

O POVO UNIDO LIBERTARA SEU PAÍS

Mas a luta do povo iraniano continua, através de grandiosas manifestações, contra todas as manobras que visam prolongar sua escravização em defesa de seu petróleo e de sua soberania.

E as mulheres iranianas, repetem todas a declaração da operaria operaria têxtil de Teerã: «Deixamos nossas casas pela luta, por nossos entes queridos, por nosso país. E ela continuará até que os ingleses e os americanos tirem os pés de nossa terra».



As crianças persas vivem famintas e sujas, envoltas em farrapos, a perambular pelas ruas

NEGRINHA

nha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição de desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: «Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?»

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha crescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no caminho de sempre.

— Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? disse a tia num suspiro de vítima. Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma orfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

«Brinquem!» Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo,

— Meus brinquedos! reclamaram as meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E, mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava «mamã»... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

E' feita?... perguntou extasiada.

E dominada pelo enlêvo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. O'hou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? repetiu Negrinha. Chama-se boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! disseram. E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possível? Depois, pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços d'olhos para a porta. Fora de si, literalmente... Era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlêvo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, presenciando a cena.

Mas era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha tremera, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos piores ainda. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, ein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlêvo. Dá a natureza momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher,

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vivia!



Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida. Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquêle dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas a dentro do seu luminoso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochava-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farandola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regrou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu, de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha, ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— «Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca viu uma boneca?»

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— «Como era boa para um cocre!...»

(1) Surra de chicote durante nove dias.

LUIZ WERNECK DE CASTRO

Advogado

RUA DO CARMO, 49, 2.º ANDAR, SALA 25
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas
Fone 23-1064
EXCETO AOS SABADOS

Vida de Momento Feminino

AS AMIGAS E AMIGOS QUE NÃO NOS ESCREVEM

Damos, abaixo, a relação de alguns de nossos representantes que estão com seus DÉBITOS bastante aumentados, e aos quais rogamos, muito encarecidamente, liquidá-los o mais breve possível, enviando-nos imediatamente algum dinheiro por conta.

	Cr\$
São Paulo (capital)	6.124,00
Bahia — SALVADOR	3.687,00
Ceará — FORTALEZA	2.699,70
M. Gerais — BELO HORIZONTE.....	1.721,00
Pernambuco — RECIFE	1.523,00
E. Santo — VITÓRIA	1.123,70
Amazonas — MANAUS	1.100,20
Paraíba — JOÃO PESSOA	857,00
Pará — BELÉM	770,00
TOTAL.....	19.605,60

Como os amigos vêem, a soma é grande e faz muita falta para a vida de MOMENTO FEMININO.

Nossos representantes devem enviar-nos MENSALMENTE a importância dos jornais vendidos no mês anterior, pois deste modo não só seus débitos não aumentarão, como também nós, da administração do jornal, teremos, mais ou menos, uma visão da importância da venda avulsa com que possamos contar, e com a qual podemos fazer face às novas despesas para as nossas tiragens posteriores.

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL
MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES
DR. CAMPOS DA PAZ FILHO
 — GINECOLOGISTA —
 — Caixa de Pensões da Light —
 (Laureado pela Academia de Medicina)
 Ed. Carioca — Sala 218 — Tels. 42-7550 e 38-5656

RESPONDA AO NOSSO QUESTIONÁRIO!

Querida leitora: MOMENTO FEMININO deseja saber a opinião de suas leitoras e amigas sobre a nova apresentação do jornal, suas seções, suas matérias, etc.

Assim, apresentamos hoje este questionário, cujas perguntas deverão ser respondidas por todas as leitoras.

Eis as perguntas:

- 1) Gosta do jornal?
- 2) Quais as seções que prefere?
- 3) Quais as seções que não lhe agradam?
- 4) O que você desejaria ver publicado no jornal?
- 5) Quais as sugestões que você apresenta para melhorar o conteúdo do jornal?

Envie sua sugestão para a redação de MOMENTO FEMININO (Rua Evaristo da Veiga, 16 sala 808 — Rio), até o dia 31 de dezembro do corrente ano).

ATENÇÃO, REPRESENTANTES! ATENÇÃO!

Rogamos aos nossos representantes abaixo discriminados que nos escrevam, com a máxima urgência. Todos eles estão recebendo MOMENTO FEMININO há mais de 6 meses e no entanto nunca nos escreveram para dizer-nos, ao menos, que recebem o jornal. Dêste modo não sabemos se o jornalzinho chega às suas mãos, ou não.

Ceará — ARATUBA — Zélia Martins Carnauba
 Mato Grosso — CORUMBÁ — Romão Aguilera
 Minas Gerais — JUIZ DE FORA — Berenice Martins
 JUIZ DE FORA — Evanice Hill
 St. DUMONT — Efigenia Machado
 SOLEDADE DE MINAS — Assunção Dias Ramos

Rio de Janeiro — TRÊS RIOS — Waldir Leite
 São Paulo — BARRETO — Lucia Fuzeti
 BARRETO — Sebastiana Martins
 LORENA — Antonio Marcelino
 OURINHOS — Antonieta Vasconcelos
 OURINHOS — Deolinda Costa
 STA. CRUZ DO RIO PARDO - Edla Brito Nunes

Desde já muito agradecemos aos bons amigos e amigas as cartas enviadas.

MOVIMENTO DO CAIXA DE JULHO — AGOSTO —

RECEITA:

	Cr\$
Venda avulsa nos Estados	8.281,40
Venda avulsa no D. Federal	1.445,40
Anúncios	600,00
Assinaturas	804,00
Donativos	2.586,00
Círculo de Amigas	1.470,00
Empréstimos a pagar	1.600,00
CAMPANHA DE FINANÇAS	5.827,00
TOTAL	22.613,90
Saldo de Junho	1.610,40
TOTAL	24.224,30

NOTA: — O Balancete que publicamos acima é relativo à vida de MOMENTO FEMININO durante o período de 1º de julho até 30 de setembro do corrente ano.

Pelo quadro, nossos representantes, amigos e amigas, poderão constatar as enormes despesas que temos com a vida de MOMENTO FEMININO.

«MOVIMENTO FEMININO» SETEMBRO DE 1951 DESPESA

	Cr\$
Oficina: Resto do nº 85	1.030,00
Para o nº 86	3.600,00
P/Conta do nº 87	400,00
	5.030,00
Clichês para os nos. 85 e 86	1.113,00
Papel para os nos. 86 e 87	6.731,80
Aluguel	2.850,00
Empréstimos feitos	3.400,00
Alvará	500,00
Transporte aéreo e em geral	749,00
Correio e Telégrafo	456,30
Auxiliares	1.395,00
Expediente	891,50
Para a Comissão de Finanças	290,00
Para a Redação (fotos)	230,00
	23.636,60
SALDO PARA outubro	587,70
TOTAL.....	24.224,70

Graças, porém, ao enorme esforço de colaboração, ajuda e boa-vontade de nossos representantes e amigos, muito principalmente das mulheres de nossa terra, MOMENTO FEMININO tem podido tirar mais ou menos regularmente seus números.

Esperamos que nossos representantes, especialmente aqueles que ESTÃO COM SEUS DÉBITOS ATRASADOS compreendendo as nossas grandes necessidades, nos enviem o dinheiro, conforme suas contas.

Maria da Praia

Yolandino Mala

Quando a leitora de MOMENTO FEMININO estiver lendo estas notas, o filme brasileiro «Maria da Praia», já teve seu lançamento nos cinemas do Rio de Janeiro.

Por enquanto, conhecemos de «Maria da Praia», apenas, algumas cenas desligadas de seu conjunto e a belíssima partitura musical, escrita por Claudio Santoro, para o primeiro filme da IMPERATOR CINEMATOGRAFICA.

PAULO WANDERLEY

A direção de Paulo Wanderley é uma credencial que nos facilita acreditar ser «Maria da Praia» um filme de razoável valor, visto este cineasta possuir o bom gosto do cinema silencioso aliado à técnica do moderno cinema.

CLAUDIO SANTORO

Cláudio Santoro, o jovem compositor aplaudido em «Canto de Amor e Paz» e tantas outras obras para orquestra, compôs para o filme «Maria da Praia», uma hora de música, acontecimento este não ocorrido, nem mesmo nos grandes filmes onde Prokofief, o genial mestre soviético participou.

RUI SANTOS

Rui Santos é o fotógrafo preferido para exteriores praieros. Sua fotografia realça os valores plásti-



Dary Reis, no duplo papel dos irmãos gêmeos Paulo e Iberê



Dinah Mezzomo é a estrêla do filme. Recebeu o título de "Rainha do Cinema Brasileiro" de 1951

cos. Assim foi em «Estrêla de manha» e nos inacabados «Mulher de longe» e «Aglaiá». Rui Santos, atualmente, está filmando, em São Paulo, um filme por Rudolph Nani. Rui Santos é outra credencial para o sucesso de «Maria da Praia».

ELENCO

No elenco, estrelado por Dinah Mezzomo, encontraremos, ainda entre muitos outros actores, Dary Reis, um jovem que veio do teatro para desempenhar em «Maria da Praia» o duplo papel dos irmãos gêmeos Paulo e Iberê.

HISTÓRIA

A história de «Maria da Praia» foi escrita por Murilo Lopes e H. Maldonado com adaptação de Paulo Wanderley, conta-nos a vida de uma moça, filha de pescadores residentes numa colônia. Ela vacila entre os amores dos dois irmãos gêmeos Paulo e Iberê e termina sendo seduzida por um rico da cidade.

História singela que termina em renúncia. Pensamos ser «Maria da Praia» uma, honesta realização sobre os costumes e caráter do povo brasileiro.

CONTEÚDO

Nada podemos afirmar sobre o conteúdo de «Maria da Praia». Temos, porém, a certeza de que nossas leitoras saberão perceber se merece ter «Maria da Praia», quando for assistido, o destaque de tantos nomes consagrados na arte brasileira como Paulo Wanderley antigo cineasta de «Barro Humano», Cláudio Santoro e Rui Santos.

Depois das resoluções sobre o Cinema, aprovadas no IV Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em Porto Alegre, maior se tornou a responsabilidade nas produções por um cinema nacional que reflita a vida, os costumes e o caráter brasileiro, dentro das condições e aspirações de nosso povo e de nossa época.